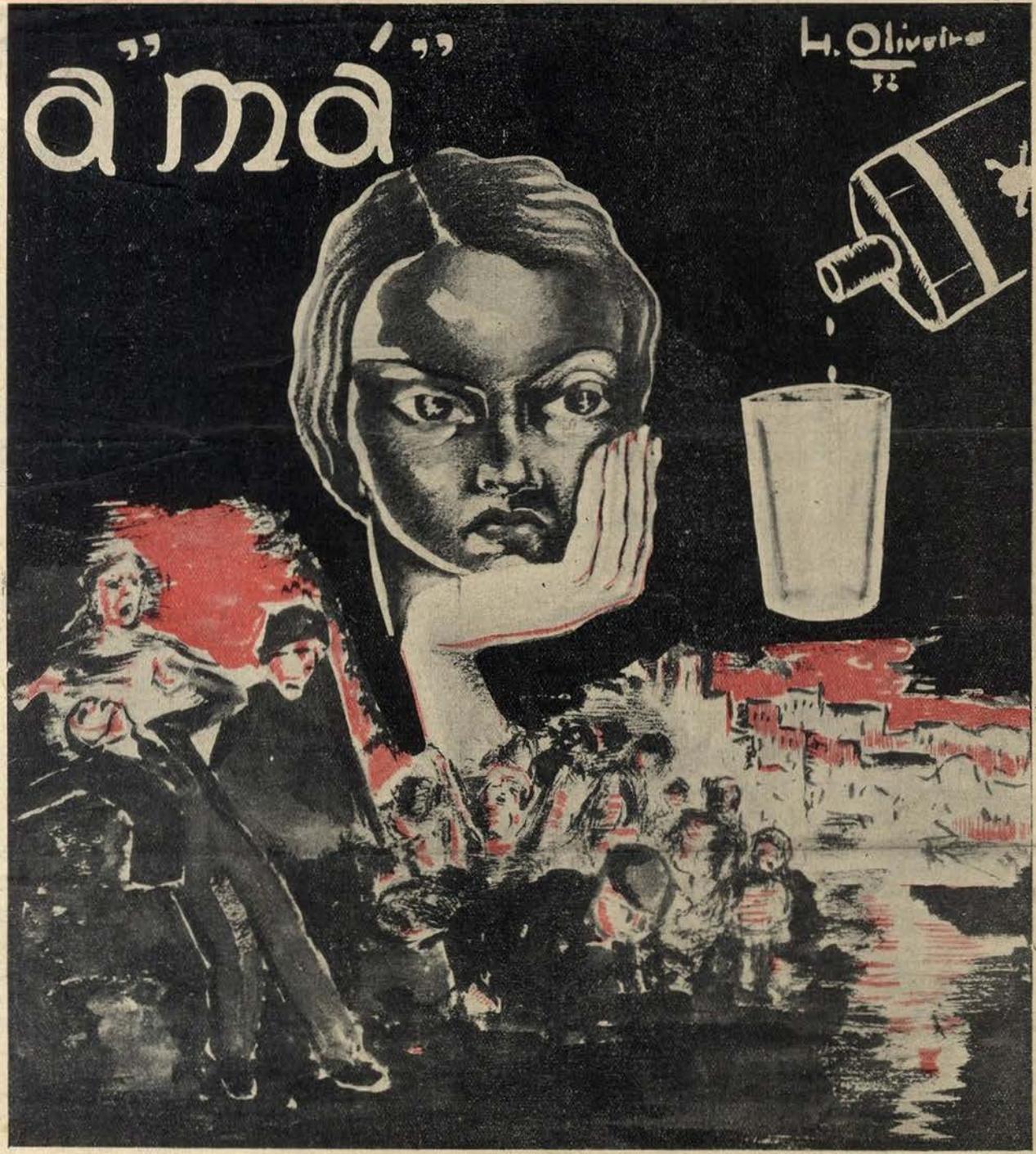


de Junho
de 1932

reporteiri.

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LEIAM NESTE NUMERO: — Os mais célebres episódios, anedotas, dramas e costumes do parlamentarismo em todos os países — A «Má» — O Mistério dos ascensores de Lisboa — Etc. etc., etc..

TEATRO APOLO

Brevemente

Inauguração da época de verão com um genero absolutamente diferente ao actual

Estreia da peça policial

O Taxi 9297

ORIGINAL DE **REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)

Espectaculos recomendados pelo «Reporter X»

TEATROS

Trindade - 9 3/4 - «O Bruxo da Arruda»
Gimnasio - 9 1/2 «A Mascote»
Apolo - 9 3/4 - «A Pastilha do Amor»
Maria Victoria - 20,45 e 22,40 - Cova da Piedade
Capitolto - 21 - Variedades

CINEMAS

S. Luiz 9 1/2
 Tivoli »
 Central »
 Odeon »
 Terrasse »
 Royal »
 Palacio »
 Olimpia »
 Paris Cinema »
 Liz »
 Europa »
 Palatino »
 A Promotora »
 Imperial »
 Salão Ideal 19

Todas as noites

QUEDA DO CABELO

O **Petroleo Quimico NALLY** evita, não cura a calvicie. E' um producto resultante da mais completa combinação das grandes bases que a sciencia preconisa para alimentar e fortalecer o bolbo piloso (raiz do cabelo), evitando a queda deste e eliminando totalmente a caspa, pela destruição dos agentes patogenicos que provocam uma e outra.

As ilustradas classes medica e farmaceutica têm, em face das suas bases principais — **PETROLEO NEUTRO, CH. DE PILOCARPINA (2:1000) ACETONA, QUINQUINA, CANTARIDAS E AC. SALYC.** — sobeja autoridade para ajuisar dos efeitos e alto valor deste preparado, ainda dum agradável perfume.

Producto da Fabrica NALLY

Frasco, 15\$00

RINO LUPO, DESAPARECEU?

Onde está, o que faz e o que foi a vida aventurosa desse realizador italiano que todo Portugal conhece

RINO LUPO, «metteur-en-scène» cinematográfico italiano que todo o país conhece — desapareceu de Portugal como tinha aparecido: misteriosamente. Um dia entrou na «Invicta», vindo de Varzovia — capital da Polónia. Contou a história da sua vida: viera de Roma para Paris, na mocidade, para se matricular nas B-las Artes francesas. Não pôde realizar o seu sonho — e entra no *Studio da Gaumont* (onde se faziam então 5, 6 e 8 films por semana) — e consegue contrato, primeiro como extra-principiante e depois como actor a... 12 francos por dia — que era, na época uma pechinha rara. Irrequieto, estuda a *mise-en-scène* e faz as primeiras experiências de realizador na casa «Lux e Eclipse» — películas cómicas e comédias de 2 a 3 actos a . 150 francos cada acto. Entretanto chega a Paris o director duma das 8 casas aiemãs que então existiam, a «Mestress» — que, querendo aumentar a produção e tendo apenas 4 realizadores vinha contratar mais um. Rino Lupo caiu-lhe em graça e vai para Berlim ganhar mil marcos mensaes — uma fortuna! O studio está num telhado do edificio e Rino consegue triunfar em varios exitos de 4 e 5 actos. Pela primeira vez aparece um «plano-americano» — pae do *gros-plan*. E' Rino quem o apresenta. Rebenta a guerra — e a *Mestress* pede-lhe um film guerreiro e patriótico... alemão. Rino executa-o e o proprio Kaiser assistindo á *premiere*. Chama-o e felicita-o. Mas eis que a Italia entra no conflito. Rino é italiano e não o esquece — embora não devesse bater-se. Obrigado a abandonar Berlim — vai para Copenhagen (Dinamarca) onde a industria do cinema abrangue raras proporções.

A Nordisk contratara, pouco antes, uma estrela italiana tambem. Confia-a a Rino que realice com ela *elencos* cinco ou seis filmes sensacionais. Mas a sua inquietação, o seu feitiço, a sua rebeldia não permitem que esteja muito tempo na mesma terra. Basta um pequeno conflito — para que abandone a Nordisk e a Dinamarca indo para Moscow, onde arranja trabalho na Nicolas-Film. Pagam-lhe bem e ele vive como um principe. Subito a revolução bolchevista. Momentos e dias angustiosos. Foje para a Polónia. Mas em Varzovia não tem studios nem industria de films. Funda uma escola de artistas, de cinefilos... Entre muitos alunos tem Pola Negri e Lya de Putti que eram então simples... *cinefilos*... Amealhou uns patacos; conhece, numa festa, dois comerciantes portugueses e deixa-se levar por eles — ou antes trazer. Em Portugal ora fonda escola, ora realiza films; ora está na alta, gastando como um nababo, ora está na baixa... A sua obra portugueza é, pelo menos equilibrada: *Milheres da Beira, Lobos Fatima, José do Telhado, Diabo em Lisboa*, etc.

A ultima vez que lhe falei — foi em 1930. Ia para Berlim, com a esposa e a filha, tentar nova fortuna. De Berlim não se recebeu nunca noticias e os cinefilos estavam intrigados. Onde estará Lupo? O que fará Lupo?

Lupo não foi feliz em Berlim. Resolveu, apoz vinte anos de ausencia — voltar á Italia — a Roma. Deixara uma filha de mezes, con-



fiada a um irmão. Grandes surprezss o aguardavam. O irmão enriquecera e morrera pouco antes — milionario, deixando a fortuna á sobrinha ou seja á filha de Rino, que Rino foi encontrar já casada e com uma filha da idade... da tia — ou seja da filha mais nova, da filha portugueza de Rino. Rino recebeu a parte da herança que lhe cabia e instalou-se em casa da filha e do genro onde fez uma santa vida burgueza — sonhando sempre com os filhos...

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1855)

Capital realiado Esc. 1.000.000.000

Reservas em 31 de Dezembro de 1927

Esc. 6.365.35

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFÍCIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 15 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 65 a 71

(EDIFÍCIO PROPRIO)

reporter

O SEMANARIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua da Horta Seca, 7 — Tel. 2.5787
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto:
R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4.391

Composição e Impressão
Rua da Horta Seca, 5 — LISBOA

5 meses — série de 12 numeros — Esc. 11.850

6 — — — — — 25 — — — — — Esc. 22.850

12 — — — — — 52 — — — — — Esc. 44.850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Ainda o Misterio da morte do Conde de Almoester

UM dos nossos colaboradores, — Ferreira da Costa — cujas viagens no continente africano, tem proporcionado a este jornal paginas de grande brilho e revelações verdadeiramente sensacionais — escreveu, ha tempos — e nós publicámos — alguns artigos que bem mereciam o exito obtido e em que era focado — e aparentemente decifrado o enigma da morte do Conde de Almoester, neto do glorioso Saldanha. Não podemos pôr em duvida as virtudes de honestidade profissional. Se alguma inexactidão fosse cometida — a culpa seria sempre de quem o informasse — e nunca de Ferreira da Costa.

Vem a proposito esta explicação por o sr. major José Felix nos escreveu uma carta desmentindo os factos que o autor do artigo evoca.

Acusamos lealmente o recebimento da carta — mas não a publicamos emquanto o nosso colaborador não a lêr e a comentar.

Homens & Factos do Dia

O cinema nacional, os profissionais, os amadores, esquecimentos, lembranças e receitas, etc., etc.

FUNDOU-SE, ha poucos dias, em Lisboa, uma sociedade para construir o primeiro studio adaptavel a filmagem de peluculas sonoras. Sou dos sonhadores que levam, para o sonho, ardozia e giz, e assim como no jornalismo, onde sou o mais modesto dos modestos, tenho a consciencia de ser tão profissional como o mais profissional, só ousei dedicar-me a mise-en-scene cinematografica quando alcancei, pelo proprio esforço, esse direito—embora me considero, como no jornalismo, o mais III classe possivel. Mas, seja em que metier for, vale mais um diploma de IIIª classe profissional do que um honoris-causa...



Recordo-me com saudade, do tempo em que — a! por 1909 e 10 — a Gaumont, a Pathé e a casa Harvy (representante da celebre «Nordisk») me enviavam, semanalmente, os seus programas porque eu, colegial ainda, lhe mandára em papel timbrado o pedido de me os fornecerem... Recordo — sem gaguejar — os nomes dos 10 ou 15 jornais cinematograficos da epoca — espanhóis, italianos, ingleses, franceses e até russos — que me convidavam para assinar em troca das ingenuas crônicas que lhes enviava — porque, é preciso declara-lo, comeci a minha carreira jornalística, aos 12 ou 13 anos, na imprensa estrangeira... cinematografica! O primeiro jornal que me pagou um artigo — foi El Mundo Cinematografico de Barcelona, — era Solá Guardiola, de quem durante anos depois fui intimo amigo e que me permitiu a entrada, como assistant na Studio Film! Que alegria ao fazer saltar sobre a mesa do café — o Suíço — os primeiros «tosões» produto cambial das dez pesetas semanais que ganhei como... jornalista. Usava ainda calção, era ainda aluno do Colegio Francês — e com que respeito os meus condiscipulos me tratavam!

Em 1916, já redactor de A Capital pedi 2000 escudos ao empresario Emaus para filmar O Amor de Perdição. Apresentei-lhe o plano e o scenario. Em 1924 — dizia-me o mesmo empresario: «Poilú, o realisador francês, inventou um «Amor de Perdição» que, ao pé do que você me falou ha dez anos, nada vale. E apesar disso tem dado uma fortuna!» Em 1919, com J. Teixeira Bastos, pai, o mais sincero dos artistas o mais nobre dos amigos, entrei pela primeira vez, num studio de verdade: no do Pathé, em Vincennes, Teixeira Bastos era o chefe dos decors. Filmaram-se Le Mister de Xadrez — em chileno. Obtiye o posto de régisseur á experiéncia...

La estive um mês! Em 1920, em Barcelona, conheci Aurelio Sidney, que, como actor, se popularisara a fazer o Ursus (Gaumont-Londres) e que vinha da America, com gloria de metteur-en-scene. Estava eu como assistant do Studio Film — de Mestres — que já lá está. Apresentei-os. Combinaram-se dois films. El Leon e Matame — este ultimo com Margarida Vallier amante de Zimacoës. Aurelio Sidney morreu em Almys del Mar — na ultima scena de El Leon. Escolheram-me então para o substituir e fiz a mise-en-scene do meu primeira film, «Matas-me». Pouco depois «Turio Films», de Valencia, e Ballester, querendo lançar o filho do director — Enrique Ballester actualmente na Ufa, contrata-me para realizar um folhetim meu, saído no Liberal — «Punhoes misteriosos». Fui expulo de Espanha, pela campanha contra Rivera, nessa ocasião — mas vim a Portugal com a trupe, meio portugueza, meio espanhola, terminar a pelucula que ficou com o titulo de «Groom do Ritz» e que Verdagner comprou para todo o mundo. Qual não foi a minha alegria, em 1926, ao vel-a de surpresa num cinema de Antuerpia, com Mario Cardozo, Domingues Mendonça (genro de Manuel Pinto de Azevedo dono do «Primeiro de Janeiro») e outros portugueses, residentes na Belgica! Pouco depois fundo o Reporter X film faço os primeiros films portugueses... negociaveis — posso dizer: os primeiros nacionaes, com realizador nacional, (até então tinham sido Portú, Mareaux, Roger de Leon, Lino Rupo — franceses, italianos, etc.), exibidos semanalmente e... com lucro positivo.

«O Taxi 9297» — um dos cinco que realizei nos studios da «Invicta» custou 58 contos e só no primeiro ano rendeu á empresa 275 contos! E ainda ha pouco, no «Newz» do Cabo li um anuncio do «Splendor» de Cap-Town que o anunciava pirotecnicamente.

Podem dizer que os meus films eram plebeus. Uma noite Carlos Cudell Goerz, o representante de aeroplanos alemães em Portugal foi, com um amigo seu, experimentado realizador cinematografico alemão vêr um film meu ao Olimpia. Esse realizador cochichando-lhe ao ouvido — e Cudell está vivo e pode confirmá-lo. «Só é lamentavel que o «metteur» que fez esta pelucula não dispuzesse de maiores recursos materiais! Sob o ponto de vista cinematografico tecnico está perfeito.»

Recordar... é reviver! Ha quatro anos que abandonei a cinematografia portuguesa — onte tenho o orgulho de ter sido o primeiro realizador nacional... de films... que viveram. De que me servia fazer peluculas ao preço de uma grande produção inglesa ou francesa — se eu sabia que havia de resultar inferior a um film inferior dessas nacionalidades, e que portanto não podia exportá-lo, como tal; e que o paiz não dava, no melhor das hipoteses para cobrir metade das despesas? E como isto querendo falar dos films de amadores, daqueles que nunca passaram por um studio de verdade e que queimam um capital

alheio num film que nunca foi exibido! Os meus, ao menos gastavam-se todos — por muito modestos e plebeus que fossem — e por muitos angulos que lhes faltassem...

... Por todas esias razões devia alegrar-se — e alegrou-se, precisamente, a fundação de uma sociedade... Mas — coisas do nosso palz! — ela começa por aquilo que devia constituir o seu maior terror a evitar: começa por se declarar uma sociedade... de meninos que querem filmar. Leiam os seus reclames. «Só trabalha nesta casa quem comrçar uma ação...» «Quem comprar uma ação ou entra no film, ou tem direito a assistir á filmagem... ou assiste á avante-premiere, etc.» — algo como se fosse um jornal de «cinefilos» a combinar entre frequentadores do Tivoli e do S. Luiz, em pleno concurso de amadores!

Mas existe algo de mais grave — não constituição duma empresa: a lacuna imperdoavel — e irremediavel — de todos aqueles que de verdade, portugueza, lutando contra as deficiéncias — e vencendo malgré a falta de capitalistas generosos — abriram caminho aos films nacionaes e que nem sequer foram evocados... Essa ingratição — é, moralmente mais grave do que a ingenuidade cinefila dos estatutos. E como eu, em todas as coisas da minha vida — uso da maxima franqueza em dizer o que penso — não tenho pejo de me declarar entre os que não deviam ser... moralmente esquecidos. Moralmente — porque se um dia pensar em fazer fitas que sejam commerciaes — realizava as — Oh! disse podem estar certos — fora do studio ou numa empresa — mesmo que não se tivessem esquecido!

Reporter X

Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferivel a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma cousa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefone 20785) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, asseio impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma mesa sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma esculpulosa seleção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorréncia.

BEBAM

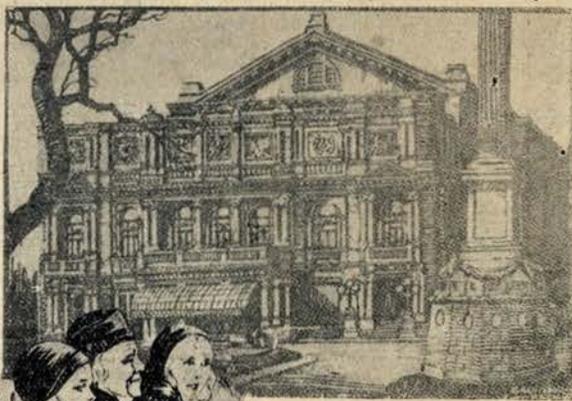
« GUARANÁ »

O melhor refresco

VENDE-SE EM TODA A PARTE



Misterio dos ascensores de Lisboa



Conheci aquela família

(Revelação emocionante de um crime que ficou por descobrir)

1.º O Crucificado da Rotunda

AO anoitecer de 5.ª feira última, após um dia de inquieta e intensa actividade profissional, — acampe — esfaldado no Café Comercial — aquele que parece jogar às escondidas com o Rocio, e, preitando-o, meio occulto, da esquina de S. Domingos. Era á hora em que a cidade banha os espiritos numa voluptuosa acalmia e em que a luz violeta que empastela tudo e todos, mixto do ultimo raio de sol e da primeira sombra da noite, nos afoga a alma e a b-mdispõe para o sonho confuso de um vago paraizo... Bebido o aperitivo que explicava a minha entrada no café — faltou-me a coragem para me erguer da meza onde abancara e para subir á colina onde me esperava a sopa familiar, Preferi prolongar aquele transe — e para que a materia não invejasse os prazeres do espirito — veiu um bife a chiar na frigideira, acomboado de loiras batatas e flutuando sobre um lago de molho apetitoso... Mal enso para o primeiro naco de miolo naquela lava gordurosa — eis que vejo avançar para mim, alto, esguio, os braços erguidos, tal como um garfo humano, um garfo de dois dentes que me ameaçasse espetar-me, — o velho Faustino — o velho dos «meus 34 anos», camarada desde infancia:

— Até que enfim... Já fui duas vezes ao jornal e cinco a casa. De casa fui ao Apolo; do Apolo mandam-me para a «Brazileira» do Chiado; e um creado da «Brazileira» aconselha-me a procurar-te na «Redacção Radio-Activa-dos Dinamos-Maximilianos-da Sheld Olimpica»... Que raio queria o homem dizer com isso? (o Faustino não está habituado a interpretar a *linguagem simbolica* do «João Franco», o creado — intelectual (?) do café dos intellectuaes...) Resolvi então andar de café em café, até te surpreender... E como vês — o meu sistema deu bom resultado — porque te apanhei... «E como eu indagasse, curioso, qual a razão da sua febril e trabalhosa caçada á minha pessoa — respondeu: apenas que precisava que eu abandonasse, heroicamente, resignadamente, a bife mal iniciado e que o acompanhasse sem demoras. E o tom das suas palavras era de molde a não admitir replica.

— Mas para quê, homem de Deus? — quiz eu saber.

Mas tu já conheces o João... E' um espirito pessimista, um «histerico»... Meteu-se-lhe na cabeça de que não escapa de hoje — e está a preparar-se para a grande viagem á Eternidade como... se tivesse já passaporte e bilhete marcado. Eram duas da tarde, chamou-me para a cabeceira do seu leito e cochichou-me ao ouvido... «Não quero morrer sem descarregar a consciencia...» — «Nesse caso chama-se um sacerdote que te confesse...» — «Ainda não... O sacerdote pode ouvir-me, pode absolver-me mas não pode garantir-me o que a minha consciencia me exige — que é certeza de que serei vingado». «Quem queres tu que eu chame? Inqueri, impaciente». E ele então pronunciou o teu nome; mas foi com tal anciedade, com tal emoção, que n-m que te tivesse de ir procurar ao Inferno... Vamos pois, que João deve estar a pensar a estas horas que eu fraquejei na caçada.

João D... era, como Faustino, um amigo da infancia. Com uma diferença: se Faustino e eu regulavamos pela mesma idade, ele, quando o conhecemos, shi por meados de 1911 ou 12 era já um homem que fazia a barba e trabalhava para viver. Estudara para engenheiro, em Liege, mas a morte do pai não lhe permitira que terminasse o curso; montara uma officina no terminus do Almirante Reis e a sua especialidade era montar ascensores... Subito, não sei porquê, o negocio começou a enfraquecer e quando em 1924, de volta do estrangeiro, o encontrei na Rua Nova da Palma — esboçou um gesto de fuga — com pudor que eu visse a miseria do seu porte, as botas rotas e cambadas, a camisa toda bordada de remendos, a barba de dias... Falei-lhe nessa ocasião e vencida a vergonha desse primeiro encontro dirigia-se-me sempre que se cruzava comigo. Passara já alguns meses sem o ver. Ignorava, pois, a sua doença, mas não podia deixar de acorrer ao seu doloroso chamamento.

João vivia para as bandas do Bairro Acores, num quinto andar, num quarto alugado, interior, cuja unica janela abria para um fetido saguão. Tudo transandava a esse desmazelo que é filho legitimo da miseria. Estendido numa cama de ferro, o seu corpo, outr'ora robusto, mal se desenhava sob o unico lençol encardido que o cobria. O seu rosto barbado de semanas, escuratava-se de febre. Os seus olhos, ao verem-me, pareciam faulhar. Pediu logo para que saíssem os presentes — uma pobre mulher precosemente envelhecida, que depois soube que era sua irmã e dois amigalhaços, tipos de operarios que se entreolhavam, gravemente, como se estivessem já a velar um cadaver. O proprio Faustino se afastou — a protexto de ir falar ao telefone...

E uma vez sós, João D... confidenciou-me o seu segredo...

— «Foi em 1918, logo a seguir ao armis-

tico desembolsei umas economias e foi a Paris gosar umas semanas de civilização... Em Paris conheci uma familia portuguesa — um papá, capitalista e viuvo e duas filhas que iam fornecer-se de *toilettes* ao boulevards. Conheci-os frente á Opera — servindo-lhes de cicerone ocasional. Uma das pequenas engraçou comigo — e eu com ela. Regressamos no mesmo comboio; e como o papá, novo-rico da guerra, mandara fazer um palacio nas Avenidas — a pequena convenceu-o a encarregar-me do ascensor. Era um pretexto para continuarmos a ver-nos... O namoro ia deslizando, romanticamente; e um dia apresentaram-me a um joven mui simpatico, que era, ao que parece, noivo oficial da mais nova (a minha era a mais velha).

Calou-se uns instantes para retirar da mesa de cabeceira uma velha carteira; e desta varia papelada donde escolheu um recorte de jornal que me entregou, dizendo: «Voeê talvez se lembre desse caso». A noticia era do *Seculo* — mez de Janeiro de 1919 e intitulava-se: «Um caso extranhos». Hontem de madrugada foi encontrado, sem fala, caído numa poça de sangue, no parque Eduardo VII um individuo dos seus 25 a 30 anos, bem traidado... Levado ao Hospital de S. José o medico de serviço reconheceu uma ferida profunda no lado esquerdo do peito de aspecto grave. O mais extraordinario é que o desconhecido aparenta mais duas feridas que lhe atravessavam as mãos como as dum sacrifi-



Um retrato de João B... — já tirado na decadencia...

cado. Nos bolsos não foi encontrado nenhum documento que revelasse a sua individualidade. Comunicado o crime á P. I. C. foi encarregado o agente Silveira de proceder a investigações.»

(Continua na pag. 14)

Reporter X

A « M Á »

Uma dama lisboeta, moderna, que rivalisa com Catarina de Medicis, na alquimia de filtros e no seu uso

«—Está muito em foco, em todos os países onde existe ambiente literário, a figura de Catarina de Medicis. Uma fauna especial fez d'ela uma mártir, a «grande caluniada» da História. Mas a maioria — e talvez a que mereça maior confiança de imparcialidade

mercante—«gentleman» de cuja morte toda a imprensa se ocupou e o de um escritor, que desapareceu em plena mocidade e em plena glória... De facto eu sabia que, em quasi todos aqueles homens, cuja morte (todos... exceptuando, já se vê, o actual, tinham morrido—singular e macabra coincidência!) cuja morte, dizia, fora sempre inesperada e causara sensação havia uma mulher fatal. O que eu ignorava é que... fosse sempre a mesma.



O café restaurant português de Paris «Carapinhada». (R. du Fbg. Montmartre) o creado, de pé, á E. é Jacques; a ultima pessoa sentada á D. é Luis Ferreira (foto de 1931)

mantem-na enlaçada á sua fama tenebrosa, de mulher sem alma, de Meguiavel de — saias, de ambiciosa sem escrúpulos, de criminosa sem escrúpulos, de voluptuosa e sensual megera, de incestuosa indiferente e contudo... virtuosa do veneno. Digo virtuosa do veneno porque se Catarina de Medicis era o genio do mal, em todos os generos da preversidade, da crueldade, da ansia de prazer, do egoismo, do orgulho — mas onde ela atingiu a maxima soberania a invocação, a sua sciencia, o seu vicio, a sua indole era a de uma *envenenadora*. Todo o resto girava á volta das suas façanhas e das suas utilidades de envenenadora.

Os seus crimes foram ou pretextos ou consequencias dos seus venenos — e nunca os seus venenos foram o meio ou a consequencia dos seus instintos, e das suas táras. Na longa galeria de «mulheres-monstros» da História não existe outro tipo, tão perfeito, de envenenadora, como Catarina de Medicis... Pois bem: aquella mulher que ali está, não atingindo, porque lhe falta os recursos, ambiente, etc. a obra nefasta de Catarina — iguala-a ou sobrepõe-se a ela pela *força da vocação*.

Olhei com díficil, para a mulher que me era indicada e que comia, frente a nós, no «Leão Douro». Era um rosto abonecado, de feições miúdas e um conjunto agradável, recordando um pouco a gentileza de Auzenda de Oliveira. Estava jantando com um sujeito de cabelos grizalhos, ar de precoce faúga, cujo olhar revelava fundas preocupações.

— Quem é essa nova Catarina de Medicis. O meu amigo pronunciou um nome que, por si só, não me interessou. Suponhamos que foi... Laura... Mas já outro tanto não sucedeu quando me foi inumerando os homens que tinham passado pela vida dessa mulher. Evocou dez ou doze nomes — todos conhecidos. Salientarei apenas o de um co-

meio — «gentleman» de cuja morte toda a imprensa se ocupou e o de um escritor, que desapareceu em plena mocidade e em plena glória... De facto eu sabia que, em quasi todos aqueles homens, cuja morte (todos... exceptuando, já se vê, o actual, tinham morrido—singular e macabra coincidência!) cuja morte, dizia, fora sempre inesperada e causara sensação havia uma mulher fatal. O que eu ignorava é que... fosse sempre a mesma.

—«E' um caso morbido, aflitivo — incompreensível — continuou o meu amigo. Essa mulher tem, como Catarina, o vicio dos filtros, a paixão dos venenos, das alquimias misteriosas e embruxadas. Filha dum conego que não oculiava a ninguém a sua paternidade (o conego L.); irmã de um artista de talento (ela é tambem muito inteligente) — desde muito nova que se apaixonou pelos filtros. Ha quem diga que a mãe tinha a obsessão das bruxas e dos feitiços — estando relacionada com quasi toda essa gente e que a petiza, já em pequena, vivia nesse torvo ambiente. . . O que é certo é que a mãe — senhora de teres e haveres — mas ciente até á ferocidade, suspeitando que o conego, embora na decrepitude, a traia e a abandonava — começou a dar-lhe remedios infalíveis para o amor. . . O conego, de facto, voltou aos braços da amante — mas morreu — olhe que estupidez de morte! a vomitar cabelos!!! A pequena muito joven ainda, foi seduzida pelo Romeu que foi o maior amor da sua vida — um Dom qualquer cousa, afidalgado e especialista em infamias amorosas. Mas não era ela menina para se resignar á burla — sobretudo sentindo a possibilidade de ser mãe! E tanto fez que o Romeu fuge para Paris. Havia então na Rue Faubg, Montmartre, sobre o Teatro «L'Abii» e onde hoje está a sucursal do «Cintra» um bar-restaurant português, «Carapinhada», fundado pelo sr. José Barbosa...

— «Conheço a casa... — interrompi eu. — Meu pai foi guarda livros desse bar luso-francês... — «Já o sabia — porque vivi em Paris, nessa epoca... Pois bem. A jovem seduzida soube que o sedutor frequentava esse restaurant e que rara era a

noite que não ia lá comer. Usou de todas as influencias para que a admittissem como ajudante de cozinheira — que era portuguesa, visto que a comida portuguesa era...

Uma noite o Romeu sentiu-se indisposto, depois de jantar. Foi para casa em braços dum criado — Jaques. Foi Jaques quem desconfiou de tudo... ou seja que viu ela deitar fosse o que fosse na sopa, depois de lhe ter pedido para avisar quando fosse servir aquele senhor que estava na ultima mesa da direita... Dois dias depois despedia-se do «bar» e aparecia de braço dado com o Romeu. Mas o Romeu começou a emagrecer, a neurastenisar-se, a enristecer — e pouco depois... falecia! Depois dele — quantas vezes tem ela sido seduzida? Mas sempre que tal succede — a historia repete-se, monotamente: ela não descança enquanto não reconquista o sedutor; o sedutor volta, mais enamorado do que nunca, mas pouco tempo durou...

— «Pode ser uma coincidência... — arrisquei eu.

— «Não é! Conheço outra historia que tambem se relaciona com essa senhora... Como sabe fui, muito tempo, funcionario das alfandegas e ha cousa de trez anos a Direcção encarregou-me de abrir um inquerito em certa vila fronteiriça, por onde o contrabando se fazia em grande escala. Não eram só nós as victimas; os espanhoes soffiam tambem as proezas do mesmo bando que estava montado á moderna e que trazia e levava contrabando no valor de muitas centenas de contos mensaes! Sabia-se que o chefe do bando era um tal Juan Valerio... Uma noite, segundo uma pista, passei á fronteira, conferenciei com o official dos carabineros e consegui que ele me facilitasse dois soldados para prender o famoso contrabandista... Apoz varias peripcias que não interessam — deitamos a mão a um pobre cigano que, pelos dados que me tinham fornecido, devia ser o cavalheiro. O cigano protestou, jurou, chorou — e por fim conseguiu provar que não era, de facto, quem nós queriamos que fosse. Era, tambem contrabandista — mas de pequena escala. Ao revistal' o encontramos um pequeno cofre cheio de frasquinhos, e os frasquinhos, de liquidos viscosos, agomentos á vista. Depois de muito

(Continua na pag. 14)



Yo me llamo Juan! — Gritou o contrabandista

BREVEMENTE

A

«NOVELA

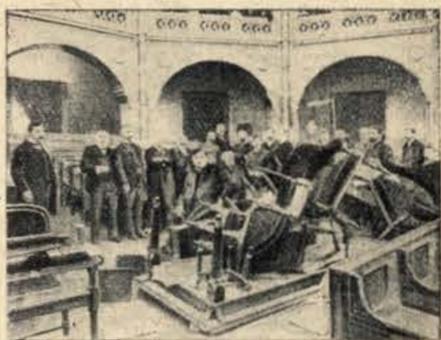
PUBLICIAL»

DO

«REPORTER X»

COMPLETAMENTE

REMODELADA



Depois de uma sessão tempestuosa no parlamento francês: os destroços e os causadores

O grande assunto do dia é, sem dúvida, o projecto da Nova Constituição que o Governo apresentou ao país. A liberdade absoluta com que foi concedida a discussão desse projecto, o entusiasmo e largueza com que a Imprensa a tem tratado e ainda o interesse nacional que ela logicamente, oferece a todos os portugueses — impunham ao nosso jornal uma reportagem inédita, que correspondesse a essa oportunidade. A Nova Constituição significa, naturalmente, um regresso ao regimen Parlamentar — embora dentro de outros moldes sob novos princípios. Realise-se pois uma reportagem de memória pelo passado; percorra-se, com o espirito, os Parlamentos de todos os países e de todas as épocas; recordemos as suas glórias e as suas fraquezas, as suas virtudes e os seus defeitos. E' este o nosso unico objectivo — nem outro podia ser — ao escrevermos a prosa que se segue:



A abertura solene do Parlamento inglês com a tradicional pompa e trajos no reinado de Eduardo VII

A PROPOSITO DA NOVA CONSTITUIÇÃO

Os mais celebres episodios, anedotas, dramas e costumes do parlamentarismo em todos os países

Ao terminar a guerra ergueu-se um pouco por todo o mundo, a campanha contra o sistema parlamentar. E atingiu ela tal violencia que era logico supor que dentro de pouco todos os países fechariam os seus parlamentos. Mas tal não succedeu. Mussol'ni reabriu o seu parlamento, logo apoz a victoria do fascismo; na Turquia, o dictador Kemal Pachá creava-o, um ano depois da sua ascensão á presidencia da Republica; e na propria Russia, que é o unico país europeu cujo regimen governativo repudia por completo esse sistema, estava já acostumado a viver sem ele, visto que a Duma foi um efemero simulacro de Parlamento. Mas mesmo assim, o Parlamento existe, de facto: é a assembleia permanente do Partido — ou seja da IIIª Internacional cujo poder e cuja influencia no governo não só substituem como ultrapassam qualquer parlamento, por mais forte que seja.

Yugo-Eslavia que, pelo entre-choque das varias raças com que amalgamou o improvisado imperio se viu, na necessidade de entrar em dictadura, em 1929 — regressou á normalidade em Janeiro deste ano; a Espanha, cujo Parlamento só funcionava meia duzia de semanas cada periodo, nos ultimos quinze anos da monarchia e que Primo de Rivera encerrara em 1925 — entrou numa franca e inédita actividade, com a implantação da Republica; e Portugal, segundo as afirmações recentes do governo, em breve terá a sua Constituição e portanto, o seu parlamento — o seu novo Parlamento.

Portanto poucos serão os países de qualquer continente que não vivam em regimen parlamentar — re-

gimen que a democratica Inglaterra inaugurou muito antes da revolução Franceza.

O Parlamento Portuguez

Não queremos recordar os sacrificios que custou aos portugueses a sua Carta Constitucional — visto que todos eles são conhecidos do publico. Evocaremos, sim, o seu periodo mais brilhante, em que possuía oradores como José Estevam e Garrett. Um dia, Lord de Newcastle, que casara com uma fidalga espanhola e que compreendia e falava o nosso idioma, passou por Lisboa, a caminho da Madeira. Quiz conhecer o nosso Parlamento — cochichando ao ouvido do seu cicero, algumas profecias humilhantes. Assistiu a uma sessão — e á saída confessava a alguém: Supunha eu que o Parlamento inglês era o mais elevado de todos pela sua riqueza oratoria. Pelo gozo dessa fama, Confesso agora que o vosso Parlamento, ao contrario do que eu previa, suplanta o nosso!



A única fotografia que existe do parlamento americano (Washington) — Este cliché valeu três meses de prisão ao auctor

Não tem conta as anedotas que se arquivaram nos nossos annos parlamentares citaremos algumas. Barjona de Freitas tinha o habito de meter frases latinas em todos os seus discursos. Um adversario preparava-se para o derrotar, pelo ridiculo, e quando ele se levantava e começava a discursar — disse, em áparte: «V. S.ª não fala hoje em latim?» Gargalhada geral — e o atacado, meio calmo, deixou senear a camara — e respondeu: «Não! Hoje só falarei em portuguez — que é para que V. S.ª me compreenda!»

Um episodio emocionante do nosso parlamento data dos ultimos anos da Monarquia. Um deputado republicano atacava com romantica eloquencia, o governo — exclamando, a certa altura: «Era necessario que a propria Natureza se revoltasse contra tantos crimes

que se cometem em nome da Nação e que esta casa aluisse, soterrando todos os responsaveis!» Ainda o orador não terminava a frase e uma onda de terror sacode todos os deputados. Como se a Natureza tivesse ouvido e obedecido — todo o Parlamento estremeceu, os tinteiros e os copos entornavam-se sobre os bancos... Era o quasi terremoto que assustou Lisboa e arruinou varias povoações portuguezas, ahi por meados de 1907 ou 1908...

O Parlamento espanhol teve grandes oradores tambem. Canovas — por exemplo. As suas improvisações eram rajadas electrizantes. Nos ultimos tempos da Rainha Isabel — Canovas atacou a soberana com uma violencia... illegal! — mas com apl. uso de grande numero de deputados. Em vão o presidente tentou amordaçal'o, badalando a campainha e recordando-lhe que não era permitido, naquela casa atacar a rainha; e como não conseguiu fazelo calar, exclamou... La persona de que hd. habla esta tan alto, tan alto — que las palabras de hd. no negan hasta ella». Resposta de Canovas: «De mais alto vem o raio — e o homem fixa na terra o sitio onde quer que ele caia!»

Houve, durante varias legislações, um deputado — Carlos Nunez y Espozeda — que o partido liberal fazia eleger não porque fosse eloquente, influente ao primeiro e minimo talento politico, mas apenas porque os seus apartes eram de um efeito admiravel. Estavam então no governo dos liberais e estes tinham sido avisados que certo adversario ia, naquela tarde, pronunciar um discurso que era, infalivelmente, a queda do ministerio.

O chefe do Governo ouviu os primeiros ataques — compreendeu que estava perdido — se não houvesse uma intervenção de Carlos Nunez. — «E' preciso que tu inventes uma das tuas». Nunez, que até gago era, levanta-se e



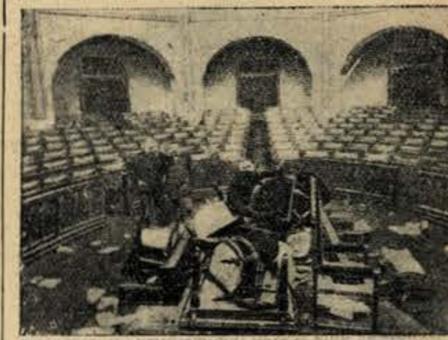
gaguejando diz: «Sr. Presidente: peço a palavra para um assunto urgente... Que se leia o artigo n.º... do regulamento».

No meio do maior silencio um dos secretarios lê o artigo indicado. «Quando qualquer deputado estiver em uso da palavra deve estar de pé — sendo rigorosamente proibido decurar sentado». Todos os olhares convergiram para o adversario do governo, e logo foguetearam dezenas de gargalhadas. E' que o tal deputado era quasi lilliputeano — e mesmo de pé, dava a impressão de estar sentado... Excusado será dizer que já não disse cousa com cousa — e que o governo não caiu!

Um deputado, medico, teve o capricho de analisar a atmosfera da antiga camara dos deputados, de França, e concluiu que o ar que respiravam os representantes do povo, era mais impuro do que uma gota de agua do Reno... Foi essa uma das razões que levou a França a construir o seu actual Parlamento que custou, ha 50 anos 10 milhões de francos. O Reich — o Parlamento alemão — custou 25 milhões de marcos; o hungaro 14 milhões de florins. Em compensação, existem Parlamentos como os dos cantões suíços Glaris, etc., que se reúnem... ao ar livre! Por isso escolhem o verão, e marcam as sessões para uma hora em que o sol não incomode os deputados. Existe tambem uma republica minuscula, chamada «a Andorra do Norte», a Ilha do Merr, na Irlanda (protetorado inglês) cujos deputados se reúnem sob... uma tenda de lona!

O velho palacio de Westminster, de tão nobres tradições, reúne, como se sabe, as duas camaras — a dos Lords e a dos Comuns. E' um belo edificio, mas as suas salas são tão pequenas que se ás sessões assistissem todos os parlamentares, em menos de 10 minutos dava-se uma asfixia geral... Felizmente que a lei permite funcionar apenas com 40 membros...

Carlos I dizia: «— Os parlamentos, são como os gatos: nunca os devemos deixar envelhecer muito — porque se tornam moles e rabujentos!» Apesar disso os mandatos do Parlamento inglês duram sete anos. Contudo esses sete anos jamais foram alcançados. Antes do termo do mandato — o soberano demoliu o parlamento. De Henrique III até 1906 os ingleses tiveram 96 parlamentares que, divididos por 396 anos dá uma media de 4 anos...

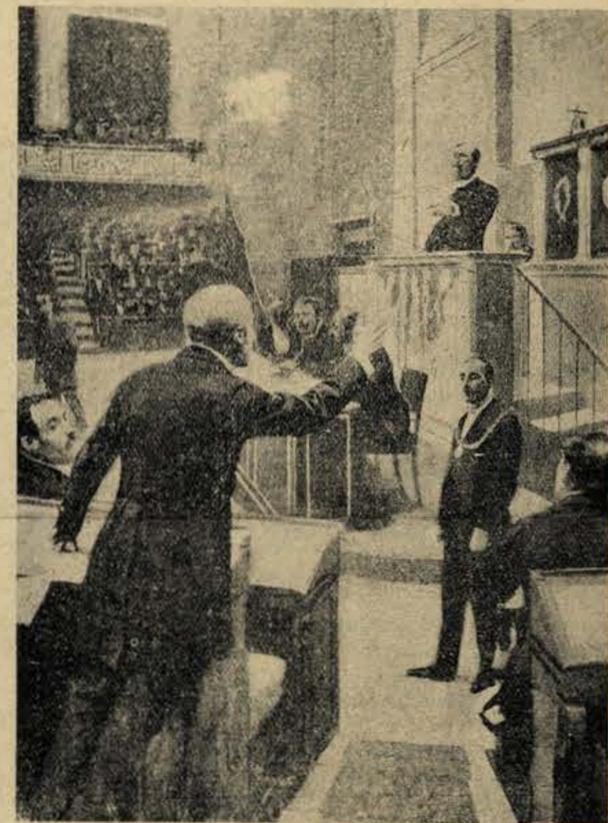


Em 1906 o parlamento hungaro renovou dezoito vezes o seu mobiliario

se ás sessões assistissem todos os parlamentares, em menos de 10 minutos dava-se uma asfixia geral... Felizmente que a lei permite funcionar apenas com 40 membros...

Carlos I dizia: «— Os parlamentos, são como os gatos: nunca os devemos deixar envelhecer muito — porque se tornam moles e rabujentos!» Apesar disso os mandatos do Parlamento inglês duram sete anos. Contudo esses sete anos jamais foram alcançados. Antes do termo do mandato — o soberano demoliu o parlamento. De Henrique III até 1906 os ingleses tiveram 96 parlamentares que, divididos por 396 anos dá uma media de 4 anos...

(Continua na pag. 15)



Uma sessão célebre na historia dos parlamentos: Clémenceau pronuncia o famoso ataque sobre a questão do Panamá

Uma entrevista que demonstra a importancia do movimento espirita em Portugal



A viuva de Allan Kardec fotografada por Buguet e tendo por detrás o espirito de seu marido

NÃO há ninguém que possa dizer que nunca ouviu contar uma historia de fantasmas, aparições macabras, casas habitadas pelos espiritos, em que nenhum ser humano lá consegue passar uma noite... etc., etc.

Sobre este assunto, dado o enorme desenvolvimento que o espiritismo está tomando em todo o mundo e especialmente em Portugal, resolvemos abordar alguém que nos elucidasse e procurámos o sr. Antonio Händel que amavelmente se prestou a isso. Ouçamo-lo:

— «Como V. sabe, eu pertenço ao «Centro Perdão e Caridade», filiado na Federação Portuguesa e que nada tem com os teosofistas (o que erradamente muita gente supõe) apesar de haver entre nós uma certa relação de crenças.

— «Somos mui ignorantes na materia... como é que actualmente os espiritas comunicam com o Alem?»

— «Mais frequentemente por intermedio dos médiums que tanto podem ser *escreventes*, *auditivos* ou falantes; sendo estes os mais vulgares. Os médiums são criaturas privilegiadas por Deus, para que por seu intermedio, possamos praticar a caridade, tanto aos que vivem errando no espaço, como áqueles que vivem, entre nós.

— «E como lhes é prestada essa caridade?»

— «Ensinando-lhes a nossa doutrina que é evoluir no caminho do Bem e da Verdade. Esse ensino só lho poderemos prestar por intermedio das orações e dos conselhos.

— «Pode V. contar ao «Reporter X» o que é uma sessão espirita e alguns fenomenos que pelo seu ineditismo os tornem dignos da publicidade?»

— «Com todo o gosto! Nas sessões espiritas conscienciosas, (quero com isto dizer, a pureza de sentimentos e intenções daquelas que se reúnem para esse fim) há uma verdadeira elevação a Deus para onde queremos caminhar. Simplesmente se invoca a assis-

ten. ia de espiritos superiores para nos darem a sua protecção. Para isso se fazem preces dirigidas a Deus, com uma poderosa concentração de espirito, alheando-nos a tudo o que seja vida material. Os espiritos ignorantes como que atraídos virão até nós e então actuam nos médiums presentes e falam, escrevem, fazem ruídos, para nos assinalar a sua presença.

Fenomenos?... V. conhece (pelo menos de nome) M.^{me} Lacombe, pois em todas ou quasi todas as sessões aparece um espirito dum tal Costa que assinala a sua presença ou com um bom par de bofetadas na cara de algum dos assistentes ou por partir uma cadeira. Quando lhe perguntam porque o faz, diz sempre que tem prazer em proceder assim. E' o terror do Centro de M.^{me} Lacombe, o tal Costa. Mas entre várias aparições há algumas que se tornaram bastante conhecidas pela sua originalidade. Entre estas ultimas vou-lhe contar uma que me ficou bem de memória e que demonstra que uma pessoa viva pode aparecer a outrem desencarnando o seu espirito.

«Santo Antonio de Pádu», prégava na ca-

tedral de Montpellier, no dia de Pascoa do ano de 1225, quando no começo do seu discurso se recordou que devia nêsse dia de cantar a *Aleluia* á missa do convento e se tinha esquecido de nomear um substituto. Afficto com o caso, calculando a desordem que a sua ausencia iria causar parou de repente com o sermão e cobrindo a cabeça com capucho inclinou-se sobre o pulpito e durante mais de uma hora a multidão que enchia a catedral o julgou indisposto ou em extase. Durante tódo este tempo Santo Antonio cantou a *Aleluia* no convento e após isso quando os outros frades o procuraram, Frei Antonio tinha desaparecido subitamente... prégava de novo em Montpellier.

— «Se lhe fôsse a contar, meu amigo, as centenas de casos como este; nunca mais terminaria... Cedo ou tarde, o Espirito terá que volver a uma existencia apropriada a purifica-lo das maculas das suas existencias precedentes, e quem sabe quantas encarnações o meu amigo já terá tido.

— Eu? — Sim o meu amigo. Nós encarnamos tantas vezes quantas forem precisas para que nos tornemos dignos d'Ele.



Fotografia feita a magnézium duma sessão de espiritismo. Uma materialisação

Deus é tudo! Como o meu amigo vê a fé que tenho, que de Deus vim e para Ele hei-de tornar. O inferno dos católicos é aqui na Terra. Que é este globo senão um verdadeiro inferno? ... Mas vou-lhe contar mais alguma coisa para que os leitores do «X» vejam bem que não mentimos, que a verdade está do nosso lado. Vou-lhe ler uma comunicação interessante: A da senhora Anais Gourdon que Allan Kerdec narra no seu livro «O Céu e o Inferno». — Era muito joven e

— P. Podeis vêr algumas vezes os vossos parentes?

— R. Oh! estou sempre ao lado deles.

— P. Sois feliz como espirito?

— R. Sou feliz. Amo e espero. Os ceus não me infundem temor, e cheio de confiança aguardo que azas brancas me alcem até elas.

— P. Que entendéis por azas brancas?

— R. Tornar-me espirito puro, resplandecer como os mensageiros celestes que me ofi scam.

— P. Podem os vossos parentes fazer algo em vosso favor?

— R. Podem, caros irmãos, não me entristecer com as suas lamentações, pois sabem que não estou perdida de todo para eles. Desejo que a recordação do meu ser lhes seja suave e doce. Passei qual ilôr sobre a terra, e nada de pezaroso deve subsistir dessa passagem.

— P. Como pode ser tão poetica a vossa linguagem, e por conseguinte em desacordo com a vossa terra?

— R. E' que a minha alma é quem fala

Sim, eu tinha conhecimentos



Fotografia tirada á luz do dia em Chicago— Aparição a Miss D... de sua mãe. Existem casos em que a chapa fotografica regista uma vaga forma, ligeiramente luminosa do fantasma, cuja vista escapa aos assistentes

notavel pela doçura do caracter e eminentes qualidades morais que a distinguíam, tendo falecido em Novembro de 1860. Pertencia a uma familia de mineiros, dos arredores de Saint-Etienne, circunstancia que torna interessante a sua posição espirital — *Evocação* — R. Presente.

— P. Vosso pai e vosso marido pediram-me para vos evocar, e felizes se julgariam se obtivessem uma comunicação.

— R. Eu tambem sou feliz em da-la.

— P. Porque tão cedo vos furtastes aos carinhos da familia?

— R. Porque terminei as provações terrenas.

adquiridos, e Deus permite muitas vezes que espiritos del cados se encarnem entre os homens mais rusticos para fazer-lhes sentir as delicadezas ao seu alcance, que compreend-rão mais tarde.

— «E quantas centenas de casos veridicos que sucedem diariamente eu lhe poderia contar». O movimento espirita em Portugal é já hoje um facto o que verdadeiramente alarma os catolicos que dia a dia perdem terreno enquanto nós... enquanto Deus vê dia a dia ganhar terreno os seus adeptos, que buscam a verdade, que querem ser dignos de Deus.

W. 35

UM PROBLEMA MISTERIOSO

Onde está a "verdadeira" espada do 1.º rei português?

A espada do 1.º monarca português — O espirito popular e as reliquias do passado

Para os espiritos simples, a poalha doirada do passado continua a criar miragens lendarias que uma psychologia sentimental e mais ou menos romantica conservou até aos nossos tempos.

A espada de D. Afonso Henriques — «a gloriosa lamina que fundou a nacionalidade» — é uma das reliquias que maior numero de lendas tem em seu redor.

Não basta o prestigio com que os historiadores e os cronistas no-l'a apresentam, passando triunfante, entre Mafoema e Cristo.

Que importa ás massas que Herculano, de sorriso frio e sobrecêhno fransido, afirmasse que o falado milagre da aparição de Ourique, era «tão mal forjado que o menos instruido aluno de diplomacia o regeitaria como falso, no primeiro aspecto?»

Surdas para esses écicos, as massas decoram nos bancos da escola «os factos mais notaveis», e... depois, pasmam, escancaram os olhos deante duma velha espada que lhe mostram em determinado Museu e veem afirmar que «um homem não a levanta e três homens não a manejam!!!»

E' assim, pouco mais ou menos, que se encaram, vulgarmente, em Portugal, as «reliquias» historicas.

As duvidas da sciência sobre a autenticidade da espada — Um desejo do «Desejado...»

Já algumas vezes, entre os homens de estudo, tem sido ventilada a autenticidade da velha espada.

E as duvidas são numerosas.

Efectivamente, examinando bem o assunto, vimos a concluir que existem sérias probabilidades de que a lamina que se mostra ao português curioso e ao «touriste» bisbilhoteiro nunca tenha sido manejada pela mão herculea do filho do conde D. Henrique.

Segundo dizem vetustos pergaminhos, a espada e o escudo do «conquistador», foram piedosamente depostos junto do seu tumulo e ficaram á guarda do prior de Santa Cruz, em Coimbra.

Passaram tempos e, durante muitos e muitos anos, ali se conservaram e eram olhados com religiosos dade.

Mas, em 1550, D. Sebastião, sonhador impenitente que devia afogar em sangue os seus loucos devaneios, visita Santa Cruz e, vendo as reliquias do seu antepassado, logo desejou levá-las e uzá-las na projectada campanha em Africa.

Eis como Nicolau de Santa Maria, na «Crónica dos Conegos Regrantes», conta o facto:

«Depois de ter assistido no dia 20 de outubro de 1550 a um aoutoramento na universidade, passou D. Seba. t.º a visitar as sepulturas de D. Afonso Henriques e D. Sancho. O prior-mór lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastião, e com grande veneração a beijou, dizendo aos fidalgos da sua comitiva: «Bom tempo em que se pelejava com espadas tão

(Continua na pag. 14)

O FIM DO SONHO DE CECIL RHODES A AFRICA DO SUL QUERE A INDEPENDENCIA

O Império Britânico atravessa há uns anos a esta parte um período bem difícil nas relações com os seus domínios; a Índia onde um homem Gandhi, provoca continuos desgostos a John Bull; o Egipto, a Irlanda e a África do Sul vivem numa inquietação constante e pedem a sua separação do Reino Unido.

Ainda está bem viva no nosso espirito a recordação do que foi a guerra Boer, o esforço heroico dêsse pequeno povo e a quantidade de vítimas que o Exército Inglês sofreu nessa dolorosa campanha em que por fim venceu, constituindo o imperio da União Sul-Africana.

Mas, como em toda a parte existem e na Gran-Bretanha também, os aventureiros; existiu um que sonhou para a sua patria a formação dum império tão vasto que seria a unificação de todos os territórios africanos desde a zona central até ao extremo sul. Esse homem em cuja mente se fantasiou esse plano era Cecil Rhodes, que agora repousa lá no alto de World's Wien num túmulo suntuoso bem digno dêsse homem que apesar de ser um aventureiro, por vezes causando perigosos entraves à nossa politica colonial, foi um grande génio.

Pois bem! Esse imperio ameaça desmoronar-se como um castelo de cartas ao sopro malefico do vento, causando sérias apreensões no seio do gabinete inglês. E' o sangue que os soldados derramaram que fica estéril, é os mil interesses que a Inglaterra ali possuiu que ficam perdidos se a União Sul-Africana se liberta.

O passado, o presente e o futuro

Vem já de longe este anseio de... liberdade, logo após a guerra Boer e da anexação à Inglaterra.

Em 1910 conseguiram os patriotas da União uma Constituição mas isso não os satisfaz e a luta continua violenta, pedindo, exigindo e ameaçando. Vem após isso as eleições de 1924 e a formação do gabinete da presidencia do general Hertzog. Mas os patriotas não desistem; é pouco ainda. O que lhes dão por favor, ou si por esmola não lhes chega para mitigar a sua sede de liberdade. Trava-se então uma luta feroz entre os *Natten* e os *Sappen*. Os primeiros do partido nacionalista lutando a todo o transe pela emancipação

das, vão engrossando e a sua voz vai assustando os senhores partidarios da Gran-Bretanha. Agora o actual parlamento eleito em 1929 tem 77 nacionalistas; partido sul-africano 61; trabalhistas 9; ou seja já uma forte maioria nacionalista. Serenados um pouco os animos, uma nova corrente de nacionalismo alastra por todo o territorio da União e quando a Inglaterra, abandonou o estalão ouro, a União mantém-no tendo a sua propria moeda uma cobertura de 44% ouro. Demonstra assim esta nação que tem meios mais que suficientes para se governar por suas proprias mãos sem precisar de auxilio ou protecção d'outrem. Em geral o inglês quando emigra para a União não vai com o intuito de se adaptar ao país, ama-lo, mas sim com o fim de enriquecer, ganhar dinheiro, muito dinheiro e voltar depois para a sua ilha.

Que importa ao povo Boer estar colocado geograficamente na parte sul da Africa onde ainda se encontram povos em estado semi-selvagem, se a sua civilização, é já muito grande, se Cap-Town e Johannesburg são já cidades com um commercio florescente, grandiosas que deixam a um canto Lourenço Marques e Luanda?

Este anseio de liberdade é explicavel. E' um povo que atingiu já a sua maioria e que se quer emancipar... mas o papá John Bull bate o pé, faz uma cara muito feia, irrita-se ao ver que lhe irá depois faltar esse amparo entre os muitos amparos que tem, e que lhe tem enchido até hoje muitas centenas de cofres, tanto publicos como do Estado.

Como há-de pois o povo Boer amar o dominador quando se sente por ele explorado? Por isso é anseio pelo momento em que possa falar livremente a sua lingua e envolvendo-se nas dobras da sua bandeira quebradas as algemas clamar bem alto de forma que o mundo o ouça: - Livre! .. Estou livre!

PAULO FERREIRA



Aspecto da guerra anglo-boer. Uma guerrilha boer sustendo sozinha o avanço de uma coluna britânica (foto dum reporter francez que acompanhou os boers)

Entre a raça Boer e a inglesa há uma grande diferença que é bom levar sempre em conta. Na primeira entram em mistura os sangues francês, flamengo, alemão e holandês e nada, nem mesmo um globo, de sangue saxão. A segunda no seu puritanismo, não querendo cruzar o seu sangue com o de outras raças, numa altivez que tem mais de apolitica, que de sensata, cria dificuldades sem par na sua forma de governo e admira-se quando os povos que estão debaixo do seu dominio quebram as algemas, os grilhões que as oprimem e proclamam a Liberdade, o direito de se governarem sem tutelas de outrem.

da União Sul-Africana, partido formado por funcionarios publicos, professores e sobretudo pelo povo; os segundos, partidarios da tutela inglesa, formado por financeiros, industriais e pelo alto comercio.

De começo o partido nacionalista foi um pequeno agrupamento desprovido de força, quasi sem representação parlamentar que era olhado pelos adversarios com um sorriso de troça ou de desdém crendo-se sempre fortes, intangiveis no seu poderio que nada faria abalar. Mas os *Natten* não desanimam e pouco a pouco as suas fileiras que dantes eram escas-

Este número do "Reporter X" tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

Onde param os corpos de Mirabeau, Danton; princeza Lamballe, Camões e outros?
— O homem que viaja com múmias e que tenta roubar os despojos de Edison.
— O Lenine de cêra, o *patheon* da Praça Vermelha e as surpresas do embalsamento

ESTA reportagem é o prosseguimento a uma revelação sensacional que o «Reporter X» n.º 42 publicou, da autoria de Reynaldo Ferreira, e intitulada «Roubaram o cadaver dum Rei». Essa reportagem gira á volta dum assunto tão estranho que houve quem o julgasse producto quasi exclusivo da imaginativa do jornalista. Equívoco... Eu, que fui obrigado a bisbilhotar varias galerias irradiadas por esse assunto ou assuntos identicos, posso, melhor do que ninguem afirmar que esse artigo tem apenas aquela percentagem minima de fantasia indispensavel ao brilho literario e á *mise-en-scene* jornalística. E se houve razões secretas que se conjugaram para escamotear o cadaver dum rei — como duvidar de outros roubos macabros, em que são escamoteados cadaveres de homens que, em vida, apaixonaram as multidões?

Honoré Mirabeau

Eis um misterio que tem resistido, durante mais dum seculo a curiosidade dos investigadores. Onde para o cadaver de Mirabeau, o idolo politico da França, falecido em 2 de Abril de 1791, na sua casa de R. Chaussée

Os coleccionadores de cadaveres celebres

d'Anten que hoje tem o numero 45? Uma multidão seguiu o feretro, ás 4 horas da tarde, até á igreja de Saint-Eustache, onde se realizaram os officios funebres. Um decreto prescrevia que Mirabeau fosse exumado na igreja de St.^a Geneveva que a Assembleia Nacional escolhera como *patheon* dos grandes homens. Mirabeau deixara expressa a vontade de repousar no sono eterno junto dos seus, na capela do Castelo de Marais; mas a vontade popular desobedeceu-lhe, impondo a sua e pregando que ele pertencia á nação e não á familia. Um mez depois um tal Gabet publicou na «Chronique Paris» uma noticia alarmante: o cadaver de Mirabeau não estava no logar onde o tinham depositado — ao lado do de Descartes. Gabet fora visita-lo — e uns petizes que traquinavam no proprio jazigo porque estava aberto — lhe disseram que *este estava vazio*. Ninguem deu credito ao panfletario; e quando, mais tarde, a Assembleia, na reviravolta politica, decretou que o corpo de Honoré Mirabeau passasse para St.^a Geneveva e nomeou os commissarios Garnier e Parot de executaram as suas ordens. Qual não foi a surpresa desses commissarios, no momento dos moços pegarem no caixão e ao verem que as taboas do fundo estavam tiradas — e o ataúde... vazio!? Onde pára o cadaver de Mirabeau? Quem o levou?

Uma suspeita e um alarme

No dia 25 ou 26 de Março ultimo um amigo nosso, sr. Arminio dos Santos, funcionario

do Porto de Lisboa, atraiu-me a bordo do «Cap-Arcona», atravez de uma chamada telefonica e indicou-me certo passageiro que despertava a attenção de todos os companheiros de viagem. Era um gigante seco e ruivo, escadinavo p^ala cor dos cabelos e corpulencia, latino pela flexibilidade e expressão do olhar. Impressionava realmente, pelo seu ar misterioso, pela inquietação do seu olhar, pelo seu nervosismo constante. — «Viaja com um carregamento de múmias que trouxe do Egipto e que leva não se sabe para onde!» — informaram-me. Logo no embarque questionou com o commissario, exigindo que o deixassem com um dos seus macabros companheiros no *beliche*. As alfandegas chegaram a suspeitar dele — mas como não é permitido violar uma múmia não se chegou a apurar se elas contém de facto, os restos moriaes dalgum faraó, ou se alcool de contrabando — ou até... algum cadaver mais europeu do que egipcio e mais recente do que costumam ser as múmias... «Durante muito tempo vivi obsecado pela visão deste estranho viajante; ha poucos dias uma noticia do «New York Werald» alvoroçando-me, veio evoca-lo de novo na minha memoria. Ei-la...

«Mais um misterio?»

«O prefeito da policia de New York ordenou que fosse guardado noite e dia o tumulo onde dorme o sono eterno o nosso glorioso Thomaz Edison. Foi preso um estranho individuo que se tornou suspeito porque, ha muito tempo, numa obceção doentia vigiava o jazigo. Interrogado, declarou-se alemão. A nossa policia telegrafou ao inspector-detective de Berlim, Karl Fritcher, pedindo informações sobre o preso em cuja residencia foram encontradas oito múmias e varios pequenos cofres com varias ossadas cuja proveniencia teima em não explicar».

Agora pergunto eu: haverá alguma relação com o passageiro do *Cap Arcona*?

...

Não me dou ao luxo de acastelar certezas como frágeis castelos de cartas; mas, contudo, formulo hipoteses verosimeis: o leitor já reparou no desaparecimento, quasi sistemático, através dos séculos, dos despojos dos homens célebres?

Por exemplo: *Shakespeare, Bismark, Guttemberg* de cujos cadaveres, não se sabe, ao certo, o destino; e no nosso paiz, de Pedro Alvares Cabral, cujas investigações arqueológicas dizem como não sendo dele as ossadas existentes no seu tumulo, e de Camões, D. Sebastião, etc., etc.?

Ultimamente o cadaver de Lenine tem sido alvo de varias e extranhas manobras. Como se sabe o «Tzar-Vermelho» da Russia, o unico revolucionario do mundo que *morreu no letto* (os outros morreram] sempre carbonizados pelas ultimas labaredas da fogueira que acenderam), é adorado pelo povo, como se fosse uma imagem sagrada. Embalsamado, logo apoz



A romagem ao tumulo de Lenine

(Continúa na pág. 15)

Onde está a "verdadeira" espada do 1.º rei português?

(Continuação da pag. 11)

curtas! Esta é a espada que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos mouros, sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração.» E entregando-a ao prior geral de quem recebera, lhe disse: — «Guarda, padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os mouros d'Africa.»

Passados oito annos, lembrando el-rei d'estas palavras, a mandou pedir ao geral de Santa Cruz, D. Pedro d'Assumpção, para com ella derrotar na expedição d'Africa os sequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinham sido sanguinolentas victimas».

A carta em que D. Sebastião pedia as armas ao prior de Santa Cruz, extraviou-se quando se fez a mudança do cartorio do convento mas conseguiu-se a restituição. Um fac-simile foi publicado no «Antiquario» e o prescripto original remetido á Torre do Tombo.

E' desse fac-simile o seguinte traslado, com uma nota de Pereira Coutinho, que diz:

«Duas razões nos persuadiram á publicação d'esta carta. Primeira, porque as obras impressas em que ella se acha não estão ao alcance de todos. Segunda, porque a copia que vem na Chron. dos Conegos de Santo Agostinho, onde Barbosa foi beber, além de omitta em partes, está quasi toda viciada, talvez por impericia ou negligencia de quem a trasladou.»

A carta do «Desejado» é do teor seguinte:

«Padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu me tenho publicado em haver de fazer por mim com ajuda de Nosso Senhor uma empresa em Africa, por muitas mui grandes razões, mui importantes ao bem de meus reinos, e de toda a Hespanha, de que tambem resulta beneficio á christandade o que me pareceu escrever-vos assim para encomendardes ao Nosso Senhor o bom successo d'esta empresa, que por seu serviço faço, como para vos dizer que desejo levar n'ella a espada e escudo d'aquelle grande e valoroso primeiro rei d'este reino D. Afonso Henriques, cuja sepultura está n'este mosteiro, porque espero em Nosso Senhor que com estas armas me dê as victorias que el-rei D. Affonso com ellas teve. Pelo que vos encomendo muito que logo mas mandeis por dois religiosos d'esse convento que para isso elegireis. E como eu embora tornar, as tornarei a enviar a esse mosteiro, para as terdes na veneração e guarda que é devido a cujas foram, e por tudo. E por aqui entenderéis que as não quero sendo emprestadas para o effeito a que vou, e de quaõ grande contentamento isto é para mim. Escripita em Lisboa a 14 de março de 1578. — Rei.

«Para o padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.»

Acrescenta mais o cronista de Santa Cruz: «Recebida esta carta, mandou logo o padre prior limpar a espada do glorioso rei D. Afonso, e fazer-lhe uma bainha de veludo, com sua ponteira de prata doirada, e uma caixa preta em que fosse mettida com sua chave, e fechadura doirada; e outra caixa preta em que fosse o escudo do mesmo santo

rei, para irem estas armas com mais resguardo e veneração, e as mandou pelo vigario do mesmo mosteiro de Santa Cruz, D. Jernonymo, varão de grande auctoridade e boa presença, que as entregou a el-rei, o qual as recebeu com grande gosto e contentamento, dizendo, que se Deus lhe dava a victoria que esperava, promettia de fazer canõizar o glorioso rei D. Affonso, como já o intentára fazer el-rei João III seu senhor e avô.»

A espada e o escudo desapareceram? Como e porquê um titular português afirma continuamente que «só ele» possui o segredo das armas de D. Afonso Henriques?

A espada e o escudo foram, pois, para Alcacer-Kibir. D. Sebastião deve tê-los empunhado no combate, nos assomos felinos do seu animo varonil e sonhador.

O seu desejo era bem latente, na carta que atrás transcrevi. Não se torna muito admissivel que tais armas ficassem nos estojos a bordo de qualquer nau da armada.

Mas se efectivamente D. Sebastião a trazia durante a memoravel hecatombe, como se compreende que, tendo o «Desejado» desaparecido para sempre na voragem sangrenta da batalha, a espada voltasse para Portugal?

Esta duvida já se apresentou a muitos espiritos e até, conforme diz Manuel da Cruz Pereira Coutinho, redactor do «Antiquario Conimbricense» (1) o secretario geral do Distrito de Coimbra, tinha ordenado um escripto exame nos papeis do arquivo pertencentes ao cartorio de Santa Cruz, com o intento de descobrir alguns documentos por onde se possa evidenciar se as armas de D. Afonso Henriques, foram efectivamente restituídas ao mosteiro ou não.

Os resultados deste exame nunca foram tomados publicos.

Porquê? E' autentica a espada que, presentemente, se mostra? Ficou a verdadeira nos campos trágicos de Alcácer-Kibir e a que hoje vemos foi transportada para o continente por qualquer cavaleiro que se salvou da derrota, na crença de que era a autentica ou num intuito de piedosa mentira?

O escudo não voltou a ser visto. Apenas, a seu respeito, resa a simples noticia que deixou D. Nicolau de Santa Maria, na cronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho, liv. XI, cap. XXXII, pag. 515.

Visto que o escudo, comparadamente, desapareceu pergunta-se:

Como? Em Alcacer-Kibir? Não será esta desaparição do escudo uma prova indirecta de que a espada que hoje nos apresentam não é a autentica?

O jornalista apenas nota o assunto e aponta o lado que mergulha no misterio.

Todavia, ha um caso curiosissimo:

Um «ilustre» titular, ostentando o condado duma localidade da Beira-Baixa, proximo da Covilhã, afirma, com serrisos subtilezas, que «só ele possui» o segredo das armas do 1.º rei português! Esse mesmo titular, de quando em quando, entreabre um estojo oblongo de couro negro e mostra aos seus intimos — que são poucos — qualquer objecto que parece causar-lhes a mais profunda admiração.

E o sr. Conde, afirma, normalmente, depois dessa misteriosa exhibição:

«Como veem só eu é que posso falar, com auctoridade, sobre o segredo do destino das armas de D. Afonso Henriques!»

Que quer isto dizer?

O misterio dos Ascensores de Lisboa

(Continuação da pag. 5)

João entregou-me em silencio, mais dois recortes. O 1.º — era do «Seculo» do dia seguinte e tinha o mesmo titulo: «O agente Silveira já apurou que o individuo encontrado gravemente ferido no Parque Eduardo VII se chama Artur de A. . . , empregado da casa bancaria A. . . & C.º, da Rua do Comercio n.º. . . de que seu pai é socio e que vive na Rua da Junqueira n.º. . . Na noite do crime jantou com a familia e como o pai viesse para a Baixa, veio no automovel dele até ao Rocio onde tomou um electrico com destino a casa de sua noiva e seu futuro sogro, o abastado capitalista, o sr. Z. . .

No electrico encontrou um amigo, que esteve hontem a depór na policia e que afirma que Artur de A. . . appareceu-se na Praça Marquês de Fombal. Contudo e ao contrario de que era costume, ele não chegou a ir visitar a sua noiva e que, admirada e alarmada com esse facto, telefonou para casa do Artur a perguntar se estava doente. Respondeu-lhe a mãe dizendo que Artur saíra á hora do costume e que não voltara ainda. O misterio, pois, continua nas mesmas trevas. O ferido piorou esta madrugada, não tendo ainda recuperado a fala. A 3.ª noticia era laconica: «Faleceu esta noite, no Hospital de S. José, Artur de A. . . que, como noticiamos, foi encontrado sem fala e gravemente ferido, no Parque Eduardo VII. O agente Silveira continua as suas investigações, sendo possivel que amanhã já se possa revelar o segredo deste misterio».

«Não o revelaram segredo algum — proseguiu João — nem a imprensa voltou a occupar-se do assunto. Dir-se hia que essa força imperiosa e oculta conseguira passar uma esponja pelo sangue desse drama, lavando-o de um só momento! Antes porem de continuar deixe-me contar-lhe só este detalhe: O elevador do palacio do sogro de Artur (Artur era o noivo official da irmã da minha namorada), e de que eu tinha sido encarregado de montar inaugurara-se na vespera do crime. No dia seguinte ao crime, pelas 8 horas da manhã entrei no palacio, para perguntar se o ascensor funcionava regularmente. . . Estava tudo recolhido ainda. Entrei na cabine — e qual não foi a minha surpresa ao ver o estofado do banco salpicado de sangue e dois buracos na parede de madeira — que deviam ter sido feitos com prego e martelo. . . ; e á volta desses orificios — havia novos salpicos vermelhos. . .»

Reporter X

(Continua no proximo numero)

A "MA"

(Continuação da pag. 6)

apertado, confessou que «aquilo» era uma encomenda que lhe tinha sido feita por uma senhora de Lisboa e que ele — como já varias vezes fizera fora comprar a casa de uma bruxa dos arredores de Sevilha — mais conhecida pelo nome de «Rodona» — e especialista em filtros. Mas, pelo visto, aqueles productos eram recebidos pela compradora.

A compradora fazia a formula e a bruxa era a alquimista que a executava. — Mas como se chama essa senhora? Onde vive? indaguei. Depois de muito vacilar pronunciou um nome e uma morada — o nome e a morada daquela dama que ali está! Se tivesse duvidas deixava de as ter. Não contente com isso — mandei analisar o conteúdo dos frascos. Não esquecerei nunca o que o Dr. L. . . , illustre quimico que tu conheces, me disse, ao entregar o resultado dessa analyse. «A mulher que germinou esses filtros — é má, profundamente má!»

Ela já estava inquieta. . . Não tirava os olhos da nossa meza. . . Olhava-nos de revez. . . Mas como era possivel que aquele fisico de boneca ocultasse uma «má» tão «má»!

Ferreira da Costa

A proposito da Nova Constituição

(Continuação da pag. 9)

Em nenhuma parte do mundo os parlamentares gozam de tantas prerrogativas como os britânicos. Nenhum deputado — e em caso algum — pôde ser preso. Os exemplos são inumeráveis. Em 1807 um tal Mills compra a peso de ouro uma eleição para evitar ser preso. Em 1815, o Lord Cochrane, que estava preso — viu inesperadamente abrirem-se-lhe as portas do carcere. Estava livre — porque os seus amigos, esgotadas as influencias, tinham tido a ideia salvadora de o elegerem . . . deputado.

Essas prerrogativas alastram-se muitas vezes até aos que cercam os parlamentares. No reinado de Jorge III, um banqueiro falido fez-se creado dum deputado . . . para não sofrer o castigo judicial da sua falencia. Basta que um membro do Parlamento inglez exija a evacuação da sala — para que o presidente ordene a expulsão de todos os espectadores, sejam eles quem forem. Em 1875, degladiavam-se as duas Camaras, a dos Lords e a dos Comuns, em redor da lei de exportação de cavalos . . . Os Comuns foram assistir a uma sessão dos Lords; e um dos Lords, vendo-os — fez uso do direito de expulsão; no dia seguinte um «comum» vingava-se — requerendo a expulsão dos lords. Anos depois o «comum» Biggar, sentindo-se aborrecido com o sussuro dos espectadores, ordenou que se evacuassem todas as tribunas; e o Principe de Gales — depois Eduardo VII, o Embaixador alemão e o ministro Israelí que assistiam á sessão — saíram . . . sem recalctir!

Raro é o Parlamento que não tenha, na sua historia, scenas de violencia, duelos, pugilatos, tragedias. Nos ultimos tempos da Monarquia, essas tempestades eram frequentes. Recordamos, por exemplo, a expulsão dos deputados republicanos, quando da discussão dos adeptamentos á Casa Real. Os ataques ao soberano tinham ultrapassado toda a violencia — e o presidente dera a ordem para abandonarem a sala; «Não saímos! O povo elegeu-nos para o defendermos e só sairemos pela força!» — gritou Afonso Costa. Foi chamada a força militar para que a ordem se cumprisse; e ante as espingardas dos soldados — os republicanos decidiram obedecer — porque cediam á força; mas Antonio José d'Almeida, trepando para uma cadeira — não quiz sair sem uma rajada de eloquencia: «Rapazes — venham conosco! O povo com a sua fé na Liberdade, nós — com a nossa palavra, vocês com as vossas armas — a Republica será implantada amanhã!» Quando o general Pimenta de Castro fechou o Parlamento — os deputados quiseram resistir e Bernardino Machado appareceu nas fotos de Benoliel, dialogando com o comandante das forças que cercavam a Camara. «Porque razão não me deixam entrar sr. official?» — «Porque o Governo fechou o Parlamento!» — «Mas, sr. official, não ignora que sou representante do povo e que a Constituição da Republica garante . . .» — «Não ignoro — mas o meu dever é obedecer as ordens dos meus superiores».

Deu-se a seguir o celebre congresso da Mitra, onde os deputados se reuniram, *malgré tout*. O *truc* teve uma repetição mais teatral em 1917 . . . Estava-se em plena guerra; e a Catalunha lutava mais uma vez pela independencia. Raro era o dia em que não se batilhava nas ruas de Barcelona. O governo de Madrid mandou fechar a *Deputacion* ou seja o Parlamento Regional Catalão. A policia, temendo um subterfugio vigiava, atentamente, os deputados catalães. Um jornalista — Barango Solis — recebeu o aviso que num dos mais pitorescos *restaurants* da cidade — havia um banquete de casamento ao qual devia assistir . . . Com o aviso vinha o menu, o convite, com nomes e detalhes.

O jornalista foi — e de facto — cousa alguma faltava — nem sequer a noiva! E chegado o *Champagne* — levanta-se um dos convidados — presidente de *Deputacion* — e diz: «Meus senhores: a sessão está aberta. A noiva retira-se — e os deputados catalães realizam, clandestinamente, a sessão prohibida . . .»

Em França as scenas de violencia foram frequentes até 1910. Só Clemenceau teve doze duelos . . . parlamentares. A discussão do celebre escandalo do Panamá provocou doze scenas de pugilato, dois suicídios e trez duelos. Peor foi o escandalo do Canal Suez em que os duelos, suicídios e pugilatos se contam a dobrar d'aqueles.

O Parlamento hungaro bate o *record*. Só num ano — tiveram de renovar 18 vezes o mobiliario — porque 18 vezes os deputados o espatifaram. Nos ultimos mezes do nosso Parlamento — as bancas sofreram tambem maus tratos crueis. Discutia-se então a questão dos tabacos e os varios grupos opositonistas ao partido democratico impediam sistematicamente a sessão . . . batendo nas ca teiras até elas ficarem em lenha . . .

Por mais de uma vez o sangue coloriu a historia do Parlamentarismo. Recordemos — a sessão da Camara dos Deputados Franceza de 9 de Dezembro de 1895, em que o anarquista Vaillant lançou uma bomba sobre os representantes do povo, ferindo varios e matando Marcel Geofroy — e onde o presidente Dupuy, sem abandonar o seu logar e com heroico sangue frio, exclamou: «A sessão continua . . . Tem a palavra o illustre deputado, sr. X . . .» E a sessão continuou — enquanto os *hussier* levavam os feridos . . .

B. C.

Os colleccionadores de cadaveres celebres

(Continuação da pag. 13)

a sua morte, no Kremlin, está exposto, noite e dia, num mausoleu monumental constituido expressamente para tão macabra exhibição, na Praça Vermelha, de Muscov — e a multidão que se enfileira ininterruptamente, frente a esse *panteon* forma uma tão longa bicha que se perde pelas ruas visinhas.

Os pilotos do bolchevismo tem a noção nitida do valor de sujestão que o cadaver de Lenine produz no povo; e tanto assim que, já por três vezes, ameaçando a natureza vencer a sciencia, destruindo a obra dos embalsamadores — pagam fortunas aos mais celebres medicos da Europa para virem a Muscov, conter a furia da decomposição e desfazer os efeitos da podridão . . .

Ora bem! Entre muitas historias que se contam a proposito do cadaver de Lenine, destacarei duas, que se salientam p-la sua extranheza. Uma refere-se ao proprio governo de Kremlin. Dizem que durante certos dias que um cirurgião famoso de Viena necessitou do cadaver de Lenine para o *re-tocar* ou seja embalsamar de novo, os Comissarios do Povo o substituíram por um boneco de cera, de perfeitissima soldagem, para que a romagem constante dos que veem de todos os cantos da Russia para contemplarem a quasi memoria do «Tzar-Revolucionario» não encontrasse o tumulo vazio interrompendo-se, assim, a corrente magnetica que o velho carcassa estabelece entre o governo e o povo. A outra, vai mais longe: que o cadaver de Lenine foi misteriosamente roubado ao seu *panteon* da Praça Vermelha, na noite de 5 para 6 de Novembro de 1931 e que o *objecto* exposto não passa dum manequim. Lenda ou historia verdadeira possui, de facto, solidos pontos de apoio como, por exemplo, a confissão de um artista que declarou ter recebido a encomenda de um *corpo de Lenine*, em cera; a actividade dos agentes da G. P. U. perseguindo certo colleccionador de cadaveres alemães, etc., etc., etc. . .

* * *

Qual o segredo de tudo isto? Espirito de colleccionador? Fenomeno de vampirismo? Sadism?

Não sei.

M. M.

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone N. 3219

L I S B O A

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo
SEMPRE SORTES GRANDES!

BREVEMENTE

GRANDES REFORMAS NO "REPORTER X"

O "Reporter X" que foi o primeiro e é e será sempre o maior semanário das GRANDES REPORTAGENS tornar-se-ha sempre o mais original semanário português



QUEM COMPRAR O "REPORTER X" TERÁ ALEM...

Duma leitura emocionante, duma séria e metódica de todos os Factos e de todos os acontecimentos do dia, da politica, das artes, das ciencias, das letras, do commercio, das finanças, das aventuras, da criminologia, de PORTUGAL e de TODOS OS PAISES DO MUNDO.



Dezenas de assuntos; Dezenas de biografias (com todos os numeros)

O "REPORTER X" CONTINUARÁ A VENDER-SE A UM ESCUDO

BREVEMENTE

A "NOVELA POLICIAL"

Todas as semanas um episodio completo de... (?...) o "Fantomas" portuguez...

BREVEMENTE

A Historia completa do Cinema

desde o 1.º film, do 1.º studio, do 1.º artista, do 1.º realisador

até aos films, aos studios, aos artistas, aos realizadores de hoje

A obra de mais palpitante interesse dos ultimos anos. Uma obra que é a Biblia dos Cinéfilos e que é um folhetim sensacional para os não cinéfilos.

BREVEMENTE